

PODER, SEXO E LÍNGUAS ENTRE MARXISTAS BRASILEIROS*

POWER, SEX AND LANGUAGES AMONG BRAZILIAN MARXISTS

Lidiane Soares Rodrigues**

*... estou me sentindo burro como uma porta, pois estudar
língua é o trabalho mais idiota do mundo.*

Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz
Costa. Rothenburg, 26 de julho de 1958.

*Citar em alemão os livros lidos em francês, em francês os
espanhóis, e nos dois casos fora de contexto.*

Roberto Schwarz, “19 princípios de crítica literária”, 1970.

Introdução

A identificação segundo autores é um dos princípios da distribuição dos marxistas em grupos diferenciados. A exemplo do que ocorre entre filósofos, setorizados como kantianos, hegelianos, husserlianos, etc. (SOULIÉ, 1995), marxistas se organizam na qualidade de althusserianos, gramsciania-

nos, lukacianos, etc. (RODRIGUES, 2019a). Se a produção social desta identificação ocorre de diversas maneiras, a prática que a garante consiste em afiançar o conhecimento das obras e dos autores por meio de sua tradução, exegese, comentário e divulgação (erudita ou não). Este fenômeno é indissociável da dinâmica hierarquizada da circulação internacional dos bens (SAPIRO,

** Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR – (São Carlos /SP/ Brasil). E-mail: lidianesrgues@gmail.com.

* Este trabalho foi financiado, em diferentes etapas, pelo CNPq e pela Fapesp. Além disso, sua primeira versão foi apresentada no Grupo de Trabalho de Celeste Mira e Edson Farias, no Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, em 2017. Agradeço a ambos pela acolhida da proposta naquela ocasião e neste dossiê. Frédéric Lebaron e Sergio Miceli discutiram alguns pontos delicados do argumento e leram versões prévias deste trabalho. Sou grata a ambos pelo encorajamento.

SANTORO, 2017; SORÁ, 2017; BOSCHETTI, 2014; CASANOVA, 2011; SAPIRO, HEILBRON, 2009, HEILBRON, 2001; BOURDIEU, 2002) – sobretudo, em se tratando da direção que vai *do centro à semiperiferia*, e de *las às múltiplas periferias* do intercâmbio simbólico (DE SWAAN, 1993; HEILBRON, 2000). É precisamente o caso de que este artigo tratará.

Em sondagem realizada junto a marxistas brasileiros, as principais filiações distribuíram-se do seguinte modo: Gramsci(nianos) reuniu 33,2% da população; Lukács(ianos), 25,8%; Escola de Frankfurt(ianos), 10,5% e Althusser(ianos), 7,2%. A mesma sondagem indagou a fluência em língua estrangeira, obtendo respostas para: espanhol, de 49% da população; para inglês, de 46,0%; para francês, de 20%; para italiano, de 8% e, para alemão, de 2,9% (a cifra de 26% declarou não ter fluência em idioma estrangeiro).

É notável que a língua nativa dos autores não corresponda à língua estrangeira de mais domínio dos marxistas (por exemplo, enquanto 33,2% são gramscinianos; apenas 8% declaram-se fluentes em italiano). Esta decalagem, num meio em que a “leitura do autor no original” permanece valorizada, indica que o domínio da língua nativa dos autores de filiação consiste num recurso diferencial que confere vantagens compe-

titivas aos agentes. Trata-se de um capital específico do mercado das trocas simbólicas do marxismo à brasileira (BOURDIEU, 2003, p. 99-183; 1996, p. 246-316). O leitor autorizado, o comentador de credibilidade, o explicador mais legítimo é o indivíduo que “lê/leu o grande autor (Marx, Gramsci, Lukács) no original”. Em contrapartida, a clientela (leitora, citadora) que engrossa o segmento (de hegelianos, de gramscinianos, etc.) tende a ser destituída do capital linguístico pressuposto na posição deles. Portanto, a língua é um capital específico, pré-requisito da prática que possibilita interferir na distribuição dos agentes entre os grupos, concorrendo vantajosamente pelo cativo da clientela estudantil e militante.

O presente artigo tratará da assimetria de capital linguístico no espaço social dos marxistas brasileiros. Inicialmente, apresentará a gênese da prática da leitura e da exegese de textos nesse meio – posto que seja a partir dela que se construam os valores diferenciais das línguas e a hierarquização dos agentes segundo a propriedade do domínio de idiomas. Em seguida, exporá as clivagens de capital linguístico, caracterizando um dentre outros efeitos práticos daí oriundos. Por fim, realçará a relevância deste objeto e da abordagem adotada para um exame do campo intelectual no Brasil, em sentido amplo¹.

1. Cumpro informar a respeito de convenções adotadas e fontes empíricas: 1) as declarações colhidas em espaços públicos têm os nomes revelados e as colhidas em âmbito privado têm nomes fictícios; 2) A correspondência enviada por José Arthur Giannotti a Cruz Costa, durante seu estágio francês, localiza-se no setor de obras raras da Biblioteca Florestan Fernandes (da Universidade de São Paulo), ela será citada de modo econômico, indicando apenas lugar e data; 3) Em momento oportuno da argumentação, apresentaram-se as operações da sondagem “O marxismo nas universidades brasileiras”. A coleta dos dados desta pesquisa foi realizada em conjunto com Prof^a Dra. Paula Marcelino e o tratamento dos mesmos foi feito com auxílio inestimável de Danilo Torini. A ambos, meu muito obrigada.

1. Sociogênese de uma prática

Em 1957, aos 27 anos, o estudante de filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), José Arthur Giannotti, seguia seu estágio de formação na França, e relatou a João Cruz Costa um plano: “estudar os alemães modernos à moda francesa. Vamos ver no que vai dar. Afinal o nosso barbudo era alemão (judeu) e ainda vamos lê-lo no original” (GIANNOTTI, Paris, 28/10/1957). O *barbudo* alemão era Karl Marx, e “à moda francesa” referia-se ao método de leitura de Martial Guérault, cuja cartilha prescrevia explicitar a construção lógica dos argumentos de um texto, buscando a arquitetura interna do sistema filosófico (GUEROULT, 1951; GOLDSCHMIDT, 1963).

Quando formulou esse plano, Giannotti, o futuro mentor da prática da leitura coletiva d’O *Capital* de Karl Marx – bem entendido: preferencialmente em alemão, entre universitários brasileiros, submetidos ao regime estritamente acadêmico das práticas, afastados da vida partidária – sofria os efeitos da circulação internacional no espaço assimétrico da Filosofia. Além do fascínio pelas condições objetivas (bibliotecas, volume de livros, acesso direto às referências bibliográficas *in person*) e pelo ritmo de trabalho dos franceses, durante os dois anos em que esteve em Rennes e Paris, ele foi exposto a práticas *rotinizadas*, sem equivalentes às da filosofia no município de São Paulo à mesma época. As principais eram: “ler no original” o autor de sua especialidade (e não em traduções), segundo o método de Guérault; traduzir este autor e outros da constelação filosófica (Marx puxa Hegel; Spinoza puxa Descartes, etc.); comentar este autor/constelação filosófica como exercício propedêutico para a “grande tese” de doutoramento (RODRIGUES, 2011). (cf. 1).

(1) Tradução, dominação. “Es-ses meninos que andam por aí a historiarem a filosofia grega sem saberem nada de grego deveriam ir plantar batatas (...) Ler tradução, principalmente de textos antigos, implica a aceitação de todas as interpretações do tradutor, porque uma tradução dum texto pressupõe o seu comentário filosófico.” Giannotti para Cruz Costa, Rennes, 13/01/1957.

As disposições do jovem Giannotti tornavam-no sensível à disciplina e ao ritmo de trabalho dos franceses e lhe suscitava certo desprezo pelo que considerava dilettantismo descompromissado dos católicos e juristas da “filosofia municipal” (RODRIGUES, 2017d). Estes últimos, nucleados em torno de Miguel Reale, no Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), e orientados à direita do espectro ideológico, eram rivais dos filósofos nucleados em torno de João Cruz Costa, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), orientados à esquerda. Ademais, se for verdade que o setor de Filosofia, a exemplo de outros na FFCL-USP, recebeu “missões francesas” para inaugurar seus cursos, sabe-se que a importação de práticas se efetiva a depender de condições prévias do espaço de recepção (BOURDIEU, 2002; SAPIRO, 2013). O entendimento de que a *importação de professores* não bastava para a *incorporação das práticas* deu origem ao projeto de Victor Goldschmidt, Gilles-Gaston Granger e de João Cruz Costa que consistia em *exportar alunos* brasileiros para Rennes (onde os dois franceses, ex-missionários na FFCL-USP, ensinavam), a fim de realizarem estágios de formação. Sumariamente: se os “ibefeanos/adversá-

rios” não correspondiam à modalidade de proeza intelectual que Giannotti traçava para ele próprio; tampouco os uspianos/aliados o exerciam plenamente.

Destituído dos nobilitadores diplomas de Direito e Medicina, da rede social da religião católica, dos quais tantos ao seu redor se valiam para ganhar o pão e fazer filosofia nas horas vagas (ibefeanos); destituído igualmente de renda, heranças e capital cultural familiar, dos quais outros se valiam para reunir a municipalidade interessada em Filosofia, Artes, Literatura (como os uspianos: Cruz Costa, seu patrão, e Bento Prado Jr., seu concorrente) Giannotti não tinha outra chance, senão *construir a indispensabilidade de seu trabalho para a constituição de uma instituição de excelência, alvo na mira de alguns dos mentores da FFCL-USP* (RODRIGUES, 2011, p. 57-82). Por conseguinte, a ambição de contornar seus *handicaps* induziu a respostas ativas aos embaraços e atíçamentos do estágio na França. Viu-se pensado entre, de um lado, o “alargamento dos possíveis”, e, de outro, a sofreguidão face aos limites que o espaço nacional imporia, em sua volta, aos projetos que o deslocamento lhe atíçou. Dentre outras condutas orientadas a solucionar esta tensão, em seu retorno, ele reuniu seus amigos mais próximos para ler *O capital* de Marx, “no original” (RODRIGUES, 2017d).

A leitura “do alemão à francesa” diferenciava-se tanto dos concorrentes disciplinares de Giannotti quanto dos militantes de organizações políticas (partidos, sindicatos e movimentos). Para uns e para outros, por razões distintas, o projeto parecia um despropósito. Por um lado, estava ausente do

horizonte de imaginação dos filósofos uspianos (a que Giannotti se ligava) e dos ibefeanos (com os quais rivalizava) a possibilidade de fazer uma leitura filosófica de Marx. No município de São Paulo, Husserl, Heidegger, Wittgenstein – e uma plethora de alemães – opunham-se aos franceses, de modo homólogo ao qual os filósofos católicos/juristas de Miguel Reale se contrapunham aos uspianos de João Cruz Costa (RODRIGUES, 2017a).

A regra segundo a qual o sentido dos bens simbólicos importados é determinado pela estrutura do espaço nacional e cultural da recepção (SAPIRO, 2013) corresponde perfeitamente ao caso. Daí a relevância tanto da trajetória quanto da posição que Giannotti construiu: a proposta de ler com método francês um alemão no original embaralhava o que a filosofia praticada no município mantinha separado (RODRIGUES, 2011, p. 85-87). Por outro lado, os militantes de partido realizavam leituras subordinadas às obrigações políticas – base da disputa constante em torno do fiador legítimo para ser marxista: conhecimento da obra *versus* fidelidade de ideais (RODRIGUES, 2011)². Porém, para Giannotti, este tipo de prática tinha se tornado parte do estilo de vida pressuposto pelo trabalho intelectual que se propunha a realizar (RODRIGUES, 2017d).

Como resultante de sua resposta ativa a estes desencaixes e do estabelecimento do “seminário d’O Capital” ocorreu um lento processo de “intelectualização” (ELIAS, 1982) do marxismo. De modo preciso: a) outros liam Marx no Brasil, mas *não em regime acadêmico* (o que diferencia o experimento das leituras partidárias); b) outros acadêmicos le-

2. Cf. ilustra o enquadramento abaixo, “Militância partidária *versus* leitura universitária”.

ram Marx, mas não privilegiaram o entendimento do autor acima do pertencimento disciplinar, como propunha a Filosofia (o que se diferencia das leituras do tipo “Marx sociólogo”, “antropólogo”, etc.); c) outros acadêmicos leram Marx, *isoladamente, não em grupo*; d) por conseguinte, as leituras anteriores, mesmo se acadêmicas, dispensavam o recurso que a experiência proposta por Giannotti impunha como elementar: o domínio de alemão. Para os fins deste artigo, sumariza-se, na seção seguinte, os efeitos de *uma* dentre estas diferenciações: a leitura “no original”³.

2. Monopolização masculina dos capitais de leitura d'*O capital*

O plano era inexecutável. A leitura presupunha o domínio do idioma do autor a ser lido (o alemão), e o próprio Giannotti não dispunha de fluência suficiente para tanto, tampouco o dos amigos que formaram o círculo inicial. Ademais, tal leitura dependia do conhecimento de clássicos da Economia Política.

Os dois problemas foram resolvidos do mesmo modo: as demandas de expertise disciplinar e linguística foram sanadas por meio do convite a novos membros (RODRIGUES, 2011, p. 37). Se não tinham o capital cultural à altura das pretensões, possuíam uma fonte de capital social dotado deles: ex-alunos. Àquela altura, o professor assistente de História Econômica, Fernando Novais, convidou Paul Singer, seu ex-aluno na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA-USP), que por sua

vez carregou Juarez Rubens Brandão Lopes e Sebastião Advíncula da Cunha. Estes três últimos foram convidados tendo em vista as dificuldades de acompanhamento das discussões econômicas (NOVAIS, 2000, p. 96). Singer, além disso – tal como Roberto Schwarz, ex-aluno do então professor assistente de Sociologia I, na FFCL-USP, Fernando Henrique Cardoso – tinha nascido em Viena, eram filhos de emigrados políticos, criados com alemão doméstico. Eram, portanto, capazes de ler o livro no original, enquanto seus professores os acompanhavam em inglês, francês e espanhol.

A reconfiguração do círculo foi engendrando tensões e construindo capitais distintivos. A tensão estabelecida entre a posição de poder temporal (professores) e espiritual (alunos, com um recurso raro), incontornavelmente aticaria conflitos. Eis o registro do mais difundido deles:

Roberto começou sua brilhante carreira de falsário genial e fabricante de canulares de alto nível, inventando uma preten- sa carta de Lukács dirigida a mim; nessa missiva, escrita num alemão impecável, o mestre de Budapeste agradecia o envio de artigos meus [Michael Löwy] e de Roberto, inspirados por sua obra, que mereciam grandes elogios, por sua excepcional qualidade intelectual e literária (estou citando de memória, não tenho mais esse precioso documento à mão). Cúmplice da manobra, levei a falsa mensagem de Lukács à seguinte reunião do Seminário Marx, onde ela foi lida e discutida, suscitando o ceticismo de alguns e a inveja de outros – não cito nomes. (LOWY, 2007, p. 334).

3. Para o conjunto dos efeitos destas distâncias diferenciais, tanto do ponto de vista da organização social da leitura quanto dos conteúdos dela, na área de Sociologia: RODRIGUES, 2016a; na área de Filosofia, RODRIGUES, 2017D; e em todas as disciplinas implicadas, RODRIGUES 2011.

A inversão provoca risos *desde que* a dissociação hierárquica entre os poderes espirituais e temporais seja reconhecida como (i)legítima. O canular exprime a hierarquia objetiva das posições em tensão com a assimetria da competência linguística – desigualmente distribuída. Os alunos, em detrimento dos professores, são objeto da reverência de Lukács, sendo reconhecidos por trunfos de que os professores estavam destituídos. Os atributos que suscitam os elogios de Lukács indicam o modelo de proeza intelectual que se delineava no círculo: ser lido por um intelectual de renome global, escrever em “alemão impecável” e com “excepcional qualidade intelectual e literária”.

Ademais, exprime também uma hierarquia nacional e linguística: uma carta de Lukács tinha mais valor que a de qualquer outro autor vivo. Por volta de 1960, quando *História e consciência de classe* foi traduzido para a língua francesa, o grupo interrompeu a leitura de *O Capital* para lê-lo, contando com as visitas auxiliares de Gérard Lebrun – especialista em Hegel, membro cativo da cátedra francesa de Filosofia da FFCL-USP, que se integra à sociabilidade brasileira. Depois de Marx, Lukács possivelmente fosse o autor mais admirado no Seminário. E ambos reforçavam o valor da língua alemã/disciplina filosófica. Para o elogio do “alemão impecável” e da “excepcional qualidade intelectual e literária”, a carta-fantasia poderia ter sido assinada por Jean-Paul Sartre, igualmente lido pelo “Seminário” – mas neste caso, a autoridade se atrelaria à língua francesa. Mas jogavam contra a posição do francês no topo da hierarquia linguística: o galicismo das elites, de que se afastavam socialmente os remediados deste círculo, embora eles tivessem domínio dela (Novais, Cardoso, Bento

Prado Jr); seu uso rotineiro na FFCL-USP, na qual as missões francesas ministravam aulas, em sua própria língua nativa. Desse modo, o domínio de francês aproximava-se de um pré-requisito para o acompanhamento dos estudos, *seu grau distintivo era, portanto, diminuto*. Tudo se passa como se os rapazes fossem francófonos em vias de se transformarem em germanófilos.

E, no entanto, o “Lukács/personagem da carta” era inverossímil – e revelava, por isso, dimensões acanhadas dos “sonhos da periferia” (RODRIGUES, 2018b). Por que o elogio destes atributos, se o domínio de língua e literatura alemãs era moeda corrente para o Lukács real, e não trunfos raros? O tom cosmopolita faz troça da decalagem entre o enlevo das pretensões e as condições pedestres de realização delas, assim como testemunha, involuntariamente, a determinação nacional do cosmopolitismo da leitura em língua estrangeira. Além disso, confirma a atração exercida por Giannotti sobre o grupo e particularmente sobre os jovens. Trata-se de uma subordinação ativa à dominação simbólica exercida pelo filósofo, pois é a ele e não a Lukács que os alunos/dominados se dirigem. Por que não escrever diretamente ao “mestre de Budapeste” – do modo como fizeram, à mesma época, Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho? (RODRIGUES, 2019b).

A despeito da anedota exprimir a crescente posição de dominação da Filosofia, e do projeto do grupo, nem Giannotti nem os demais professores se lisonjearam. Afinal, a carta *podia* ser verdade. A humilhação simbólica era verossímil por conta da assimetria de capital linguístico entre professores e alunos. Acertando a focal na posição que interessa ao argumento: particularmente, Giannotti construía vagarosamente sua trajetória, estando, portanto, indisponível

ao jogo lúdico com a hierarquia (na qual ascendia), com o mérito (por meio do qual se legitimava) e, tampouco, com a língua alemã (que adquiriu sofregamente).

Ele se dedicou ao estudo sistemático e intensivo deste idioma por ocasião de sua primeira viagem à França – e subsequente retiro de dois meses na Alemanha. Seu aprendizado ocorreu, portanto, de modo escolar (e não doméstico), numa fase tardia (e não iniciática da sua formação), implicando sacrifícios na gestão do orçamento-tempo. Ele próprio confessou: “estou me sentindo burro como uma porta, pois estudar língua é o trabalho mais idiota do mundo” (idem); “É preciso que eu me convença também que eu não estou perdendo tanta coisa, quando num domingo de sol eu fico em casa estudando, em vez de fazer turismo.” (GIANNOTTI, Rennes, 13/01/1957). A incorporação do idioma alemão foi concomitante a outra descoberta: a assimetria entre Alemanha e da França, do ponto de vista dos polos dominantes no âmbito internacional da Filosofia. Este espaço era-lhe inacessível previamente ao estágio, pois a condição de agente enclacrado nas disputas filosóficas municipais redundava em *alodoxia*, até então compartilhadas com seus pares e concorrentes municipais (RODRIGUES, 2017d). Somente após a incorporação nacional (brasileira) desta hierarquia global, que pressupôs a consolidação da disciplina no país, a Alemanha tornou-se o destino estrangeiro preferido dos estudantes brasileiros de Filosofia (GARCIA, 2009).

A respeito de sua defasagem linguística, observa-se, novamente, a personalidade empenhada de Giannotti, tentando transformá-la em vantagem, por meio de uma atividade prática. Além de ler Marx em grupo, ao voltar da França, Giannotti preparou uma tradução do livro *Tractatus Lo-*

gico Philosophicus de Ludwig Wittgenstein, publicada, em 1969, pela Companhia Editora Nacional. Seu trabalho provocou efeitos no espaço, reativando as polarizações, já esquadrinhadas, da filosofia municipal.

Vilém Flusser (FLUSSER, 1969), representando o IBF/Miguel Reale, resenhou criticamente a tradução, e Giannotti o respondeu (GIANNOTTI, 1969). Flusser nasceu em Praga, em 1920, numa família judia (assassinada nos campos de concentração). Passou pelo Rio de Janeiro, estabeleceu-se em São Paulo e naturalizou-se brasileiro em 1950. Sem diploma, mas com o reconhecimento por sua erudição adquirida de modo autodidata, lecionou na FAAP, no ITA, na USP, escrevendo regularmente para os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Em 1973, mudou-se para Robion, na França. Em 1991, faleceu, em Praga. Era poliglota, escrevendo em várias línguas, e traduzia seus próprios textos de uma para outra. O circuito intelectual que integrou pode ser recuperado por meio das “personalidades”, a que dedica ensaios em sua “autobiografia filosófica”: Alex Bloch, Milton Vargas, Vicente Ferreira da Silva; Samson Flexor; João Guimarães Rosa; Haroldo de Campos; José Bueno; Romy Fink; Miguel Reale; Mira Schendel (FERRER, 2012).

A oposição de Flusser a Giannotti correspondia à oposição dos grupos a que pertenciam, exprimindo duas concepções de Filosofia e de tradução: uma “técnica” e outra “ensaística” (MARTINS, 2010, p. 103). Se a controvérsia é determinada pelo projeto giannottiano de construção de práticas filosóficas no Brasil em contraponto ao exercício e performance diletante do capital cultural distintivo de Flusser, que caiu no gosto das elites locais (FERRER, 2012), ela também se liga à maneira de aquisição do capital linguístico (e cultural em geral).

A relação com os bens simbólicos, como é sobejamente sabido, tende a ser mais desembaraçada quanto mais naturalizada foi a aquisição social dos mesmos e quanto mais o reconhecimento social pelo sucesso performático repõe a confiança e a segurança do agente que é deles portador (BOURDIEU, 1967). A tradução mais “livre” e menos “técnica” defendida por Flusser escapava das possibilidades inscritas no modo como Giannotti adquiria o patrimônio linguístico. Enquanto Flusser tinha o domínio de um aprendiz nativo, Giannotti o adquiria por vias escolares. Do mesmo modo, a relação mais distanciada com a hierarquia das línguas, princípio da ironia que dá base ao “canular de alto nível” de Roberto Schwarz, igualmente portador nativo da língua, era impossível para Giannotti, que ligava a aquisição deste bem – e o reconhecimento coletivo disso – aos esforços de superação pessoal. Giannotti nasceu em 1930, numa família de imigrantes italianos que se estabeleceu no interior de São Paulo (em São Carlos), e, em seguida, na capital, quando seu pai decidiu “dar educação superior aos filhos”, desiderato que lhe exigiu “todo o sacrifício”, pois “Vendeu tudo, teve uma oferta de emprego, veio para cá. Mais tarde ele perde o emprego, passamos mal.”. cursou Filosofia na FFCL-USP entre 1950 e 1953. Foi aluno de Gilles-Gaston Granger, que, antes de voltar à França, impressionado por seu empenho nos estudos, recomendou-o ao cargo de assistente (não remunerado) de Lógica. Sem recursos econômicos, foi lecionar Sociologia em Ibitinga, interior do estado e começou a estudar alemão. Giannotti voltou a São Paulo ao ser aprovado em outro concurso, e passou a ensinar Filosofia no Colégio Basílio Machado, mantendo-se como professor não remunerado na FFCL-USP. Com uma bolsa do governo francês e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ne-

gociada por Cruz Costa, financiou seu estágio de dois anos na França (GIANNOTTI, 2000).

O nexos entre origens modestas e disposições laboriosas, nas instituições de saber, e, particularmente nos anos 1950, na FFCL-USP, já foi assinalado numerosas vezes (ARRUDA, 2001; PONTES, 1998; MICELI, 2001; JACKSON, BLANCO, 2014) – e, neste sentido preciso, o círculo assemelhava-se ao perfil social da instituição em que estreitaram seus vínculos. Ele reunia membro de família decadente com capital cultural distintivo (Bento Prado Jr.), outro de família de militares (Fernando Henrique Cardoso), e significativamente, de famílias de classes médias emergentes (Fernando Novais); e imigrantes (Giannotti e Octávio Ianni). E, no entanto, enquanto na FFCL-USP o número de mulheres concorria para a feição mais moderna da instituição (SPIRANDELLI, 2011), elas estavam ausentes no “Seminário” ao menos enquanto pares/colegas, pois o anedotário a respeito disso restringe-se à competição entre as esposas pelo melhor jantar servido após as sessões de leitura.

Um dos efeitos mais tangíveis da homogeneidade de gênero neste círculo consistiu na monopolização masculina dos trunfos distintivos correlatos à prática da leitura. Além da ausência de colegas de trabalho no grupo, as mulheres que se lançaram à competição com o círculo – seja por meio de interpretações de Brasil contrárias à do círculo (por exemplo, Maria Sylvania Carvalho Franco), seja por meio da participação em outros grupos de leitura alternativos (por exemplo, Emília Viotti da Costa) – não o fizeram sob tutela da Filosofia e com o domínio do idioma alemão. O tipo de competitividade com a qual reagiram redundou em fortalecimento da eficácia simbólica destes fatores diferenciais e fronteiriços (disciplinar e linguístico) (RODRIGUES, 2011, p. 34-57, p. 210-255).

Nos universos masculinizados, as relações de força tendem a se exprimir por meio da afirmação da virilidade (CORBIN, 2012). Daí ser compreensível que o domínio da língua alemã fosse representado como atributo masculino e de força – e, em contrapartida, a destituição dele, como condição feminina e de fragilidade. São exemplares cabais, em registro humorístico, as duas expressões apresentadas abaixo. Na primeira (de Fernando Novais), há uma marca libidinosa – sublimação da violência simbólica – estabelecendo o nexo homem/professor/língua forte em oposição à mulher/aluna/destituição linguística (atente-se: a graça se liga ao pressuposto de que a aluna não sabe alemão). No segundo (de Giannotti), há uma castração simbólica

dirigida aos detentores “naturais” do recurso tão cobiçado (os alemães são “desculhonados”). Reitere-se, por fim, a possibilidade de distanciamento irônico do trunfo, por meio da ironização do valor simbólico dos recursos linguísticos, da parte de um falante nativo de alemão (Schwarz). A representação dos alemães castrados (Giannotti) e da aluna seduzida (Novais) parecem ser duas espécies antípodas de compensação simbólica para os aprendizados tardios da língua – e o contraponto com o desembaraço debochado de Schwarz torna isso saliente⁴. O substrato morfológico destas representações encontra-se no fato de que a filosofia e o marxismo eram – e ainda são – universos masculinizados (ARAÚJO, 20014)⁵.

4. Se a morfologia, na base da oposição simbólica entre detentores de alemão e destituídos dele, no que tange ao gênero, é óbvia, a oposição entre homens que a adquiriram por meio do esforço escolar e os que a adquiriram precocemente pela inculcação do ambiente familiar ficou evidente na oposição entre Flusser e Giannotti, mas é opaca no interior do círculo dos marxistas em questão (e, como se verá adiante, permanece sublimada e compensada entre os marxistas, contemporaneamente). De todo modo, os primeiros tendem a representar a virilidade da língua por meio da denegação da sua própria condição objetiva (exemplos acima, de Novais e Giannotti); enquanto os segundos tendem à estilização irreverente da sede coletiva de salvação simbólica dirigida ao bem cultural raro. Não por acaso, o desembaraço de Roberto Schwarz com a língua alemã possibilitou a produção de uma coleção de “canulares de alto nível” em que seus pares se reconhecem e se *envergonham*. Deles, demos apenas dois exemplos (a carta falsa e a assertiva acima). Seria possível levar adiante a oposição interna ao círculo entre estes dois tipos de aquisição linguística, mas isso poderia desviar o foco do presente artigo. Remetemos, para este ponto a: RODRIGUES, 2011, p. 34-57; 394-421; 494-507.

5. O presente trabalho liga-se, teórica e metodologicamente, ao filão de estudos de sociologia da cultura e dos intelectuais, desenvolvidos, no Brasil, na esteira da recepção da obra de Pierre Boudieu. Por isso, alude, em seu título, ao trabalho pioneiro desta linhagem (MICELI, 2001b [1977]), e inspira-se, de modo incabível em citações em BOLTANSKI, 1977. A investigação do materialismo do simbólico, nesta linhagem da sociologia da cultura, ambiciona caracterizar precisamente o nexo entre morfologia e representações (do mundo e dos grupos no mundo). Ao examinar um espaço cuja representação do mundo (e de si) ergue-se a partir do princípio de *dialética*, não surpreende que se encontrem tantos pares binários e reciprocamente excludentes/negativos/interdependentes em sua morfologia. Cumpre reiterar este desiderato, para esclarecer eventuais interessados em marxismo e teoria bourdieusiana, familiarizados com a discussão contemporânea de gênero(s), que a presente análise *não é* binária, ela *trata* de um universo organizado segundo polos binários – não deve, portanto, ser acusada daquilo que é seu objeto de escrutínio. Agradeço aos pareceristas pela advertência a este respeito.

Fernando Novais, membro do Seminário: “o que nós esquecemos e o que nós lembramos não é uma decisão pessoal. Agora há pouco esqueci o nome do (...) continuo esquecendo (...). Quantas vezes nós queremos lembrar uma coisa (...) e não lembramos ou então vem aquela moça simpática pedindo bibliografia e (...) você quer citar (...) 3 livros em alemão, 25 em francês, fazer um cartaz e ... esqueci! Que raiva! Ou na hora da defesa da tese que aquele bestalhão fez uma pergunta que eu podia ter amassado e ... esqueci o argumento, (...) E o contrário? Aquela maldita mulher que não consigo esquecer (risos da plateia)” (NOVAIS, 2014).

Giannotti, mentor do Seminário: “O Instituto também organiza passeios. Ontem visitamos Stuttgart e a fábrica de automóveis da Mercedes Benz. Só no lugar em que estivemos trabalham 15000 operários (...). Daria até para fazer uma revoluçãozinha. O que esperam esses alemães desculhonados?” (Rothenburg, 26/07/1958);

Roberto Schwarz, alemão doméstico, distanciamento irônico: “2. Citar em alemão os livros lidos em francês, em francês os espanhóis, e nos dois casos fora de contexto.” (Schwarz, 1970).

3. Oposição estruturante: acadêmicos x partidários.

A leitura e a maneira de ler dos marxistas acadêmicos opunha-se à dos seus homólogos militantes. Entre os últimos, a circulação de textos se subordinava ao objetivo de aumentar o contingente de militantes e simpatizantes, por isso, tantos manuais, coletâneas com excertos de textos de vários autores, vertidos à língua portuguesa, a partir do francês e do espanhol – jamais do alemão ou do russo (língua nativa de vários dos dirigentes publicados). Já os acadêmicos contabilizavam seus arregimentados segundo as competências de que fossem portadores: conhecimento de línguas, domínio de clássicos das disciplinas, erudição (RODRIGUES, 2011). Se aos militantes a leitura interessava como fiança do engajamento com a causa, aos segundos, ela só interessava se exercida segundo as regras da Filosofia, em primeiro lugar; e, em seguida, das disciplinas em que atuavam (RODRIGUES, 2019). Além disso, os acadêmicos não liam “textos menores”-

isto é, panfletários, históricos, jornalísticos ou de circunstância – produzidos por Marx. Ao lerem *O Capital* filiavam-se à longa e lenta construção social do valor simbólico deste livro, que remontaria ainda à vida de Marx (HUBMANN, 2012; TARCUS, 2018; CARONE, 1986).

Dentre os efeitos de não lerem quaisquer marxistas, mas Karl Marx; de não lerem de qualquer modo, mas como a Filosofia orientava; de não lerem qualquer livro, mas *O Capital*, destaca-se a atribuição de valores diferenciais autores, disciplinas, textos e línguas (RODRIGUES, 2011). Do ponto de vista dos marxistas, o alemão, língua de Marx, passou a ocupar o topo na escala hierárquica. Como é recorrente, a força de uma língua associa-se à posição da tradição disciplinar no espaço global (SAPIRO, 2014, p. 9). Neste caso, o valor do alemão era reforçado pela centralidade que a disciplina de Filosofia tinha no círculo e que pela posição central dominante da Alemanha no campo global desta área (PINTO, 2002; BOLTANSKI, 1975; LEPENIES, 1983; RODRIGUES, 2017d).

O método de leitura era destinado a “grandes autores” e a “grandes textos”. O impasse era nítido: Karl Marx não era Descartes – a quem Guérault destinou seus esforços – e a própria noção de “sistema filosófico” se ajustava com dificuldade à obra inacabada de Karl Marx e às fases dela (ARANTES, 1994). Esta incongruência foi revertida pela prática da aplicação do método elevado (de Guérault) a um autor rebaixado (Karl Marx, àquela altura, monopólio das “leituras militantes”), mas a seu livro mais elevado (*O capital*), alterando o estatuto de Marx. Com a rotinização do uso (em teses, defendidas publicamente) *deste tipo de leitura da obra* de Marx, gradativamente, a prática (*deste tipo de leitura*) passou a ser um capital – recurso diferencial no espaço, ambicionado pela maioria, e do qual alguns são dotados e outros, não (RODRIGUES 2011). Os princípios de apreciação e depreciação, opondo os acadêmicos aos militantes partidários, são cabalmente expressos no enfrentamento abaixo, a respeito do fiador mais legítimo do “marxismo” – fidelidade aos ideais políticos (partidários) ou leitura (acadêmico) da obra de Marx?

Militância partidária *versus* leitura universitária:

Moacir Werneck de Castro (1915-2010), jornalista, da família Lacerda Werneck, filiado ao Partido Comunista Brasileiro entre 1947-1956: “(Schwarz faz) apologia do corpus universitário como ins-

tância superior capaz de fornecer os fundamentos científicos de uma teoria revolucionária (...). Nada menos marxista (...) Só com o chamado marxismo ocidental (...) é que as elucubrações universitárias passaram a ter importância (...) o que terão assimilado da teoria do capital aqueles aspirantes a exegetas de Marx (?) (...) O seminário pretendeu como que isolar a elaboração teórica numa campânula à prova de micróbios praticistas (...) os pobres militantes (...) não possuíam o necessário nível intelectual, e então cabia aos cenáculos culturais universitários substituí-los na tarefa de produzir teoria (...) ‘gorda e monótona bestice paulistana.’” (WERNECK DE CASTRO, 1995).⁶

Roberto Schwarz (1938), crítico literário e ensaísta, oriundo de família vienense e judia emigrada, um dos seminaristas: “(o marxismo) havia existido como artigo de fé do Partido Comunista e áreas assemelhadas, ou, ainda, como referência filosófica de espíritos esclarecidos, impressionados com a resistência soviética ao nazismo (...) o marxismo era uma presença doutrinária (...) bebida em manuais (...) Além da bitola stalinista, contudo, a própria opção revolucionária e popular, bem como a perseguição policial correspondente fontes naturais de autoridade, tinham contribuído para confiná-lo num universo intelectual precário, afastado da normalidade dos estudos. (...) nossa escola da rua Maria Antônia, ambiciosa e caipira (...) (tinha) como bandeira o padrão científico, por oposição à ideologia (...)” (SCHWARZ, 1995)

6. Devo a notícia deste documento precioso a Gilberto Maringoni, a quem sou profundamente grata.

4. Interdependência estruturada: acadêmicos e partidários em posições dominadas (1958–2014)

As oposições acima estruturaram, segmentaram e hierarquizam o espaço constituído pelos marxistas brasileiros. As transformações pelas quais passaram o campo político, a indústria cultural e o campo intelectual, ao longo dos anos 1970, permitem esboçar os liames entre a experiência do seminário e o estado atual do marxismo no Brasil; tornam inteligível a interdependência estabelecida entre os adversários (marxistas militantes e acadêmicos) no interior dos organismos científicos e culturais (universidades, institutos, editoras) atualmente; e explicam *parcialmente* por que, individualmente e como grupo, os seminaristas/seminário tenham conquistado posições dominantes, ao contrário do destino contemporâneo dos marxistas.

Os seminaristas reuniram-se entre 1958 e 1964, quando o estabelecimento da ditadura militar levou Fernando Henrique Cardoso a sair do país. Mas o fim de suas reuniões não se confunde com o fim do grupo: o estreitamento de vínculos; a construção coletiva de princípios de apreciação/depreciação do trabalho intelectual, garantida pela constância da prática; os laços intelectuais e não intelectuais garantiram que, sem necessidade de se encontrarem, tomem posições similares a respeito de questões gerais.

Entre 1964 e 1988, o país viveu sob um regime autoritário. Em linhas gerais, em meados dos anos 1970, as resistências de inspiração marxista (comunistas, socialistas e militantes da luta armada) foram destinadas ao exílio político, dentro e/ou fora do país, e o retorno delas à cena política foi gradativo (a partir de 1979). Nestes anos,

o Estado foi patrocinador e incentivador da cultura e do sistema de ensino superior; estabelecendo, a exemplo do que ocorreu em outros setores econômicos, a parceria com o capital privado estrangeiro e nacional (CARDOSO DE MELLO, NOVAIS, 1998). A censura da polícia política se dirigiu aos conteúdos ideológicos da cultura *pari passu* o estímulo a setores específicos dela. Por isso, diversos domínios da indústria cultural expandiram em escala nacional, alterando a configuração do mercado de bens simbólicos. Tem destaque o setor televisivo, o cinematográfico, o jornalístico, o publicitário e o editorial (ORTIZ, 2001; MICELI, 1984, 1994, 2005; RIDENTI, 2011). O setor terciário demandava mão de obra qualificada, dando empuxo à escolarização, igualmente incentivada por políticas estatais. Todos os níveis do sistema aumentaram a população, mas o setor superior foi mais beneficiado (CUNHA, 1988, p. 169).

De modo similar ao que se observa entre artistas, a despeito da perseguição sofrida, ocorreu uma reconfiguração do espaço das Ciências Sociais – que assumiu contornos indissociáveis do tipo de insumos econômicos que a financiou. O mecenato estrangeiro, notadamente a Fundação Ford, investia de modo calculado em certas regiões do território nacional (Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo), do campo global (enviando doutorandos para os EUA), das disciplinas (notadamente, Ciência Política e Antropologia) e dos arranjos institucionais (programas de pós-graduação/PPGs, centros de pesquisa privados, desvincilhados do sistema universitário) (CANEDO, 2009; KEINERT, 2011; MICELI, 1990).

Os agentes vão se redistribuindo, simultaneamente à reconfiguração do espaço, segundo clivagens internas às gerações, disciplinas e regiões geográficas e confor-

me o ritmo da abertura política. De modo sumário, trata-se de uma tripla segmentação: a) os líderes, negociadores e gestores dos centros e dos PPGs (poder temporal); b) os jovens pesquisadores americanizados (competências e expertises); c) a fração envelhecida (poder espiritual) (BOURDIEU, 1984). Os casos de Roberto Cardoso de Oliveira (Museu Nacional/Antropologia); Candido Mendes de Almeida (IUPERJ); Fernando Henrique Cardoso (CEBRAP) são exemplares do primeiro segmento (KEINERT, 2011). São exemplos conspícuos do segundo, os cientistas políticos Bolívar Lamounier, Simon Schwartzman e Wanderley Guilherme dos Santos (RODRIGUES, 2017d; RODRIGUES, HEY, 2017c; KEINERT, 2011). Estes dois segmentos não se formaram de modo indiferente ao marxismo; ao contrário, sofreram complexos processos de reconversão da ciência à política, redundando em abandono de seus ideais revolucionários de juventude (RODRIGUES, 2018c). Ao que tudo indica, esses processos de conversão catapultam suas carreiras em oposição aos que se mantêm marxistas/fiéis às causas de sua juventude politicamente radical. Assim, a segmentação se cristaliza lenta e irreversivelmente: de um lado, os “científicos”, trabalhando em centros de pesquisa (tais como o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/CEBRAP e o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/ IUPERJ), e americanizados (o segundo segmento). De outro, “professores universitários”, europeizados, trabalhando em áreas tradicionais e menos prestigiadas (Letras, Filosofia, Serviço Social, segmentos da Sociologia). Estes últimos foram sendo subordinados ao controle do segundo segmento, que avançavam gradativamente sobre os aparelhos estatais de financiamento, regulação e avaliação do desempenho

dos pares (tais como a Capes e o CNPq, a própria Fundação Ford, e o principal organismo constituído no período, a Associação Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais/ ANPOCS) (RODRIGUES, HEY, 2017b; 2017c).

O caso típico do terceiro segmento (fração de figurões envelhecidos pelo advento do novo perfil de profissionalização, sem condições de se inserir nos novos arranjos institucionais e voltado a atividades didáticas, de divulgação e editoriais) é Florestan Fernandes. Enquanto as duas primeiras configurações situam-se no polo científico/pesquisa/produção/inação, tal como redesenhado o espaço em meados dos anos 1970, a última situa-se no polo professoral/pedagógico/didático/reprodução (RODRIGUES, 2010, 2017b, 2018). É na órbita dela que os marxistas vão aproveitando as oportunidades de trabalho.

O encaixe estrutural foi se processando: do ponto de vista das novas elites, as universidades padeciam da censura do Estado; da hiperpolitização da clientela; e oneravam o orçamento-tempo com deveres didáticos. As oportunidades mais vantajosas (PPGs e centros) foram monopolizadas por elas, pois correspondiam ao novo modelo de profissionalização (americanizado, com pesquisa empírica, modelagens, técnicas quantitativas, encomendas para aplicação de políticas públicas); deixando vago os postos mais caracteristicamente didáticos para os marxistas, desviantes daquele perfil. Desse modo, compreende-se que os marxistas mantenham práticas como leitura de grandes obras, comentário de grandes autores, discussão (dita) teórica, produção de “notas” de leitura – e que publiquem e leiam livros, em detrimento de artigos. Estas práticas e preferências correspondem às (o) posições que se estabeleceram entre eles e

o polo dominante das disciplinas, nos anos 1970 (RODRIGUES, 2018). Elas exprimem notáveis continuidades e descontinuidades com a gênese do marxismo universitário, e é preciso sistematizá-las.

Em primeiro lugar, geneticamente, elas atrelam-se às estratégias de introdução do marxismo em ambiente acadêmico, tratadas anteriormente, configurando a *expertise* que eles têm a oferecer no mercado acadêmico. Elas jogaram a favor das carreiras dos primeiros leitores de Marx, permitindo-os alcançarem posições dominantes em suas disciplinas, pois eles as subordinavam ao esforço de articulação entre o cânon do marxismo e o cânon disciplinar (RODRIGUES, 2011). Em contrapartida, no estado atual, estas práticas não orientam os marxistas à integração no espaço disciplinar, mas o apartam relativamente dele. Os exercícios de exegese textual/autoral são realizados em paralelo às disciplinas em que atuam profissionalmente. Como não correspondiam ao novo padrão de formação e treinamento, foram legados a posições dominadas⁷. A partir delas, denegaram a profissionalização que os denegou e mantiveram-se firmes praticantes de um tipo de trabalho oposto ao praticado pela profissionalização da “geração 68” (KEINERT, 2011). Em suma, as figuras emblemáticas demiúrgicas da intelectualização do marxismo em suas disciplinas acadêmicas – Giannotti/Filosofia, Cardoso/Sociologia; Novais/His-

tória; Roberto Schwarz/Crítica Literária tornaram-se dominantes no interior de suas áreas (RODRIGUES, 2011). Porém, o marxismo ocupa, hodiernamente, posições dominadas no interior do campo acadêmico (RODRIGUES, 2016, 2018d).

Em segundo lugar, processou-se uma modificação da oposição entre marxistas partidários e acadêmicos, que, sem deixar de ter vigência, modificou seus efeitos na determinação do espaço. Se, na experiência tratada acima, a oposição correspondia a duas instituições de pertencimento – os militantes, em partidos; os acadêmicos, em universidade – observa-se que, depois dos anos 1970, ambos se encontram, tendencialmente, nas duas instituições. Aquele terceiro segmento constitui-se de agentes que se converteram à vida universitária, por ocasião da Anistia e após exílios europeus, sem romper com seus ideais revolucionários; ao contrário do segundo segmento, no qual os agentes converteram-se à ciência, doutoraram-se nos EUA, romperam com seus vínculos à esquerda e tomaram as instâncias estatais e privadas da regulação científica. Os casos de conversão prática às atividades universitárias, sem abandono dos ideais políticos, colaboraram para a diminuição da distância entre partidos e universidade – precisamente o inverso do que se observa na fase de introdução do marxismo nas universidades (RODRIGUES, 2016).

A este respeito, é exemplar o circuito em

7. Ou, em casos mais raros, foram hábeis na conversão de suas habilidades e colocaram-nas a serviço da disputa por espaço em suas disciplinas. Não são casuais as afinidades entre marxistas e estudiosos do “pensamento político e social brasileiro” (organizados em torno de grandes leituras, de grandes autores, da exegese e do comentário dos mesmos, etc.). Elas se ligam ao sucesso dos investimentos intelectuais de um dos mentores da área, Gildo Marçal Brandão, antigo militante do partido comunista (RODRIGUES, 2016).

torno de Florestan Fernandes, cristalizado na coleção “Grandes Cientistas Sociais”, coordenada por ele, e publicada entre 1978 e 1990 pela editora Ática. A seleção dos autores da coleção cristaliza a mescla entre agentes e princípios partidários e acadêmicos: simultaneamente, ela publica os clássicos indiscutíveis de cada disciplina (Durkheim, Weber, etc.) e textos de dirigentes políticos inteiramente alheios a qualquer projeto científico ou disciplinar (Lenin, Mao Tse-Tung, Stalin – dentre outros). Não parece ser casual que na sondagem já referida, os marxistas tenham respondido à pergunta “Por qual autor/intérprete do Brasil você tem mais interesse?”, os seguintes nomes – igualmente representativos da mesma mixagem de agentes e de princípios de apreciação acadêmicos e políticos:

Respostas	%
1º Florestan Fernandes	21,4
2º Caio Prado Junior	15,9
3º José Paulo Netto	6,9
4º Carlos Nelson Coutinho	5,3
5º Ricardo Antunes	4,0
Total	53,5

Embora os autores apresentem modos de articular militância partidária e atuação científica muito diversos (RODRIGUES, 2016, 2016b), do ponto de vista geracional eles se localizam, com nuances, na terceira configuração, aludida acima, de “mestres” envelhecidos pela chegada dos jovens aos postos de destaque nos anos 1970 (Florestan Fernandes, Caio Prado Jr.); assim como no polo professoral/pedagógico/didático/reprodução, na qualidade de tradutores, comentaristas e exegetas vocacionados à pedagogia em detrimento de pesquisas empíricas (José Paulo Netto, Carlos Nelson Coutinho); e do ramo temático mais politizado

da Sociologia, nestes anos – a sociologia do trabalho (Ricardo Antunes). Com exceção de Florestan Fernandes, todos têm trajetórias indissociáveis do Partido Comunista. Além disso, com exceção de Antunes, todos tomaram parte da coleção Grandes Cientistas Sociais – seja como coordenador (Florestan Fernandes); seja como autor (Caio Prado Jr.), seja como organizadores de volumes (Netto, Coutinho) (RODRIGUES, 2018).

Em suma, a segmentação dos marxistas em dois espaços institucionais modificou-se em favor de um intercâmbio entre eles, mediado por agentes acomodados num polo dominado das Ciências Sociais brasileiras. Por conseguinte, a oposição entre acadêmicos e partidários não corresponde, atualmente, ao pertencimento institucional às esferas (política e científica), mas se manifesta por meio de propriedades específicas. Daí o interesse em examinar a segmentação do espaço por meio de dois capitais: o militante e o linguístico (e não em termos de oposição entre universidade e partido, como a experiência anterior). A sondagem encontrou, além da decalagem apresentada introdutoriamente, uma particular combinação entre eles, que caracteriza certa dinâmica das trocas simbólicas entre os agentes.

A seção final se subdividirá em: a) a apresentação da concepção da enquete realizada entre os marxistas e de algumas operações de categorização dos capitais; b) a exposição de *um* efeito prático da assimétrica distribuição de capitais: a defasagem de capital linguístico tende a incidir nos investimentos e na acumulação de capital militante. Convém esclarecer que se incorporou duas categorias nativas, como formas primitivas de classificação: “marxismo frio”/“marxismo quente” foram termos cunhados por Ernst Bloch (2005) e podem

ser consideradas como um par variante de “marxismo ocidental”/“marxismo soviético”, de Perry Anderson (2004). Os dois pares são empregados para designar a irreductibilidade entre a inclinação à militância político partidária (os quentes) e a inclinação à reflexão intelectual (desvencilhada da vida política prática, seja por pessimismo, seja por ter rompido com os liames da prática militante). Esta divisa tem efetividade classificatória/acusatória entre os agentes, pois correspondem efetivamente a princípios organizacionais. A tendência é se apresentarem como posições alternativas: ou adotam-se as práticas atreladas às organizações do campo político (partidos, movimentos, sindicatos) ou as do campo científico (universidades, academias, centros de pesquisa, etc.). Permanece em suspenso a hipótese de que a efetividade dessas categorias classificatórias/acusatórias seja posterior à segmentação que cindiu objetivamente os marxistas brasileiros, segundo a dotação global de seus capitais (cultural e militante)⁸.

5. Dinâmica de um mercado de bens simbólicos (esboço de caracterização)

A sondagem “O marxismo nas universidades brasileiras” agrupa 988 indivíduos que responderam a um questionário de 59 perguntas em 2014, e se autodesignam marxistas. Três filtros foram estabelecidos para os respondentes: a) identificar-se como marxista; b) trabalhar (como professor) e/

ou estudar em universidade (pública ou privada); c) se estudante, estar em nível de pós-graduação (mestrado, doutorado, pós-doutorado). Tratava-se de mirar no corpo de marxistas mais envolvido com a *reprodução* e a *longevidade* da corrente teórica – daí este terceiro critério, para os estudantes. As perguntas subsidiam a caracterização do perfil socioeconômico, intelectual e político e foram organizadas em três blocos: a) *morfológico*; b) *tomadas de posição política* e *tomadas de posição teórica*; c) *vida profissional*. O questionário foi lançado na *internet* e capilarizado a partir de pontos centrípetos: isto é, contatamos os respondentes por meio dos endereços eletrônicos fornecidos por grupos e periódicos marxistas. Em seguida, a fim de contornar vieses por meio do “Diretório de grupos de pesquisa” do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), potenciais respondentes foram localizados e convidados. Durante todo o tempo, a pesquisa foi divulgada em *sites*, *blogs* e redes sociais. O início da campanha pelas respostas ocorreu em fevereiro de 2014, encerrada em janeiro de 2015. Após um trabalho de limpeza das respostas, fechou-se o banco de dados com 392 professores e 596 alunos.

As categorizações do capital linguístico (doravante, kl) e do capital militante (doravante, km) requerem esclarecimento prévio.

Os respondentes reúnem 13 idiomas estrangeiros: alemão, inglês, francês, espanhol, italiano, esperanto, russo, polonês, árabe, hebraico, grego, latim e mandarim.

8. Há casos, no Brasil, em que se observa a acumulação dos capitais que o conjunto tende a segmentar, porém expô-los desviaria do fio condutor deste artigo. Além disso, a inteligibilidade destas “exceções” pressupõe a dinâmica de conjunto e, portanto, é razoável que se reserve sua análise para trabalho a ser apresentado posteriormente a este.

Naturalmente, nem todas as línguas raras apresentam alto valor no mercado (resultam, na maioria dos casos, de trajetórias imigrantes); e, tampouco as línguas mais respondidas constituem um pré-requisito da participação dele (como se sabe, este tipo de pergunta suscita respostas que inflacionam o capital cultural dos respondentes, em reação à da “vergonha” e ao sentimento de indignidade simbólica que podem fomentar). A agregação das línguas em faixas hierárquicas incorporou o arbitrário cultural da própria população na categorização: estabeleceu-se que nenhum indivíduo atingiria somatória máxima sem domínio de alemão, e que o máximo de pontos seria 100. Desse modo, os seguintes valores foram atribuídos: alemão (50), inglês (20), francês (15), espanhol (0), italiano (15), esperanto (10), russo (10), polonês (10), árabe (10), hebraico (10), grego (10), latim (10), mandarim (10). Em seguida, à contabilização dos pontos atribuídos às línguas, os 988 indivíduos foram classificados em três faixas: alta (entre 50 e 100), média (entre 20 e 50) e baixa (entre 1 e 20). Assim, os que se situam no nível baixo são respondentes que não dominam nenhuma língua estrangeira, ou dominam a língua mais próxima da Língua Portuguesa, o espanhol; ou apenas inglês. Tanto inglês quanto o espanhol são línguas de respostas pouco críveis – a tendência é todos apostarem em seu domínio, de modo simbolicamente compensatório. Em contrapartida, os que se situam no topo, com alto capital linguístico, têm fluência (declara-

da), ao menos em alemão; porém, efetiva e tendencialmente, eles possuem fluência em mais de uma língua (em geral, inglês). Chegou-se, assim, a três faixas do capital linguístico⁹.

Quanto ao capital militante, tentou-se partir da noção geral (MATONTI, POUPEAU, 2005) e dar concretude e especificidade a ela, a partir das respostas colhidas por meio do questionário. Para esta análise, considerou-se apenas a resposta à pergunta a respeito do “sindicato que representa oficialmente a categoria” (tratava-se de uma das perguntas fechadas). Na redução a três categorias, as respostas foram agrupadas em três níveis de engajamento-distanciamento: a) os “quentes” são todos os filiados com algum tipo de participação; b) os “mornos” são filiados sem participação; c) os frios são não-filiados. A sindicalização não é o único componente de um capital militante próprio ao espaço em análise. O indicador dele incorporará outros elementos e seus pesos relativos no espaço (como militância em movimentos, intervenção em mídias, participação em revistas e editoras, etc.). De todo modo, a centralidade que a vida sindical adquire na vida profissional de acadêmicos mal situados em seus espaços, e trabalhando em posições institucionalmente dominadas, não é desprezível. São variados os rendimentos sociais e institucionais desta prática: exibição de fidelidade ideológica, disputa por clientela estudantil com outros colegas não marxistas, inserção em circuito ampliado de oportunidades e de visibilidade

9. Isola-se como variável o capital mais objetivante, tangível e quantificável nesta configuração. Obviamente, não se ignora que a fluência de idioma é acompanhada de práticas como viagens regulares ao exterior, compra adiantada de livros (do grande autor e dos comentadores estrangeiros), acesso a arquivos pessoais raros, controle da circulação de comentadores estrangeiros no cenário brasileiro, etc.

de pública, vias de acesso a chapas eleitorais para cargos institucionais – em suma, há potencialmente rendimentos materiais e simbólicos, de caráter compensatório às posições dominadas, nada triviais, dignos de nota. Por isso, ainda que em estado hipotético e provisório, os testes aqui apresentados são relevantes. Cumpre sublinhar que o capital militante está sendo considerado exclusivamente do ponto de vista de vínculos institucionais. Não se ignora que agentes não filiados possam apresentar tomadas de posição política mais “radicais” ou “vanguardistas” do que aqueles que têm atividade política e engajamento institucionalizados. Investigar em qual tipo de capital militante investem os mais dotados em capital cultural específico (no caso, linguístico) é um passo importante no equacionamento do sistema de compensações simbólicas.

A seguir, apresenta-se a combinação de capital linguístico e de capital militante (doravante, kl e km), nas frações mais e menos dotadas do primeiro.

Tabela 1

Volume do Capital Linguístico (kl) de professores e alunos	Indivíduos (%)
kl-alto (kl-a)	24 (2,4%)
kl-médio (kl-m)	156 (15,7%)
kl-baixo (kl-b)	808 (81,7%)
Total	988 (100%)

Polo frio (kl-a)

Os 24 indivíduos com kl-a são 20 homens (83%) e 4 mulheres (16,6 %). Esta

desproporção não corresponde à da população global. Nela, a proporção de homens e mulheres é de 61,2% para 38,8%. Portanto, pode-se afirmar que a distribuição do kl, na fração mais dotada dele (kl-a) é desigual e favorável aos homens. Dentre os 24 indivíduos em exame, 15 são alunos (13 homens, 2 mulheres) e 9 professores (7 homens, 2 mulheres). Em relação à faixa etária, os 24 indivíduos abarcam entre 24 e 70 anos. Em relação à faixa etária por gênero, as mulheres vão dos 25 aos 65 anos e os homens alargam a faixa, têm entre 24 e 70 – sugerindo que as mulheres da geração mais antiga sequer investiam na aquisição linguística. Dos 24 indivíduos com kl-a, 8 não estão trabalhando; portanto, apenas 16 indivíduos são “sindicalizáveis”, e, dentre eles, 14 são homens (87,5 %) e 2, mulheres (12,5 %).

Destes 16 indivíduos (kl-a/sindicalizáveis), 10 (8 homens e 2 mulheres) situam-se na faixa “fria” do capital militante (km) – isto é, não são sindicalizados; 4, na faixa “morna” – isto é, envolvem-se ocasionalmente (4 homens e 0 mulheres). Apenas 2 situam-se numa faixa “quente” – isto é, são sindicalizados e engajados (2 homens e 0 mulheres). Dentre os 9 professores com kl-a, apenas 7 estão trabalhando – 6 deles são homens e 1 é mulher. No que tange ao sindicalismo, eles se distribuem igualmente entre as faixas fria e morna (3 casos cada; e ela situa-se na faixa fria). *Cumpre sublinhar: nenhum professor kl-a situa-se na faixa “quente”¹⁰ – portanto, há uma coincidência entre baixo investimento em capital militante e alto capital linguístico acumulado.*

10 Engajar-se ou não no sindicato não é um indicador *absoluto* de investimento em capital militante e adquire peso de modo relacional. Considere-se, portanto, as respostas à pergunta “você faz parte de algum

Polo quente, kl-b

Os 808 indivíduos com kl-b são 482 homens (59,6%) e 326 mulheres (40,3%). Reiterando-se, na população global, a proporção é, respectivamente, de 61,2% para 38,8%. Portanto, também nesta fração, a desproporção não corresponde ao conjunto. Porém, a distribuição do kl, na fração menos dotada dele (kl-b) é menos desigual do ponto de vista dos sexos. Trata-se do exato inverso do que se observou na fração mais dotada dele (kl-a).

Dentre os 808 indivíduos com kl-b, 497 são alunos (309 homens, 188 mulheres); e 311, professores (173 homens, 138 mulheres). Com relação à faixa etária, os 808 indivíduos abarcam entre 20 e 77 anos. Com relação à faixa etária por gênero, as mulheres vão dos 21 aos 77 anos e os homens têm entre 20 e 76 – não se verifica, portanto, a nuança da fração kl-a, neste quesito. Dos 808, com kl-b, 153 não estão trabalhando; portanto, apenas 655 são “sindicalizáveis”, e, dentre eles, 403 (61, 5%) são homens e 252 são mulheres (38, 4%).

Dos 655 indivíduos com kl-b sindicalizáveis, 266 situam-se na faixa “fria” – isto é, não são sindicalizados (sendo 169 homens e 97 mulheres); 198 situam-se na faixa “morna” – isto é envolvem-se ocasionalmente (sendo 110 homens e 88 mulheres); e 191, na faixa “quente” – são sindicalizados e engajados (124 sendo homens e 67 mulheres).

Dentre os 311 professores da fração kl-b, 6 não estão trabalhando. Os restantes (305 indivíduos) 172 são homens (56,3%) e 133 mulheres (43,6%). No que tange ao sindicalismo, os professores/kl-b se distribuem equilibradamente entre as faixas – fria (58 indivíduos); morna (59 indivíduos) e quente (55 indivíduos). Já as professoras/kl-b se distribuem com ligeira tendência para o polo mais acalorado – situando-se na faixa fria, 38 casos; na morna, 53 casos; e na quente, 42 casos¹¹.

É possível sugerir que as três linhas de força inerciais, encontradas da gênese do “marxismo universitário”, permanecem estruturantes e dinamizadoras do espaço. São elas: a) a distribuição desigual do capital específico (linguístico) entre homens e mulheres, com vantagem para eles em

movimento social”? Dos 20 homens com kl-a, 12 responderam que não militam em nenhum movimento social (60%). Se considerarmos a militância em movimento estudantil (1 caso) e em movimento por educação (2 casos) como internas ao sistema intelectual, temos a tendência a não sair dele em 15 casos, portanto, 75% de não militantes. Das 4 mulheres com kl-a, 1 respondeu que não milita em nenhum movimento social; 1 milita em movimento estudantil, por terra e feminista; 1 milita em movimento estudantil, por moradia e feminista e outra assinalou “outro”. O indicador de capital militante ainda está passando por testes – cf. item 4 do anexo. Em respeito à economia do argumento, não se discutirá o capital herdado da fração kl-a, mas sublinho que esta determinante prévia ao ingresso no espaço é ativa na diferenciação. 11. É válida também para o polo quente a advertência de que filiar-se ou não ao sindicato não pode ser um indicador *absoluto* de investimento em capital militante. Considere-se, portanto, as respostas à pergunta “você faz parte de algum movimento social”? Dos 482 homens com kl-b, 171 responderam que não fazem parte de nenhum movimento social – ou seja, 35, 4%. A tendência é, portanto, a militância em movimentos sociais (os demais 64%). Das 326 mulheres, 124 responderam que não militam em nenhum movimento social, –ou seja, 38%. Também entre elas, no grupo dos menos dotados de capital linguístico, a tendência é a militância (as demais somando 62%).

detrimento delas; b) a assimetria entre o capital específico (linguístico) e o capital militante (engajamentos em partidos, sindicatos e movimentos), com vantagem para o primeiro em detrimento do segundo; c) um mecanismo compensatório: quanto menos capital específico, mais investimento em capital militante e vice-versa (consequentemente, implicando estratégias diferenciais, entre os sexos, para existirem no espaço). As três declarações abaixo indicam certa adesão ao arbitrário cultural – no primeiro caso (Sader), praticando a leitura em alemão; no segundo caso (Netto), reconhecendo seu valor, mas de modo incômodo, posto que destituído dela; no terceiro caso (Pessoa), ironizando seu valor, posto que situado do lado ideologicamente oposto aos dos marxistas universitários.

Ambiguidade e alcance de um modelo de proeza intelectual:

Emir Sader (1943), membro do segundo círculo de leituras d'*O Capital*. “Eu estudei filosofia na USP (...) era indispensável ler os autores no original. Assim, primeiro estudamos grego para poder ler Platão e Aristóteles (...) quando escolhi um tema de Marx para fazer tese de mestrado (...) fiz um ano de Instituto Goethe para aprender o básico. Posteriormente, (...) procurei (aulas particulares) (...) (dona Grette), extraordinária professora, alemã de origem, foi de fundamental valia. Era clara a sua falta de identidade com os textos de Marx (...) eu ajudava com o que sabia de polêmica a respeito de alguns conceitos, conforme as traduções. Especialmente na filosofia e na literatura, perde-se o fundamental –o estilo nesse caso, a precisão dos conceitos no outro –, se não se lê um autor no idioma original. (SADER, 2003).

José Paulo Netto (1947), militante do PCB (entre 1963-1992). “(...) tenham uma certa paciência comigo inicialmente... eu vou fazer de conta que vocês só tiveram uma notícia desse texto (ah?). Não farei uma conversa doutoral fazendo citações em alemão. Vamos conversar sobre esse texto.” (NETTO, 2014)

Samuel Pessoa, militante e filiado do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). “... e aí tem uma diferença básica de enfoque o Ruy Fausto (*LSR -membro do seminário Teoria e Prática*) ele olha o mundo a partir de uma coisa que ele chama ... é... uma postura crítica, (*) eu não sei direito o que que é, mas acho que é essa coisa que vem da metafísica alemã supercomplicada... esses caras ficam lendo Marx em alemão (risos de cumplicidade dos demais). (...) a minha formação de economista é uma tradição que descende do ceticismo inglês (...) o Ruy Fausto chama de senso comum e eu acho que deve ser mesmo, não tenho nenhum problema com isso (...)” (PESSOA, 2017)

Considerações Finais

O presente trabalho esboçou a gênese, a estrutura e a dinâmica de um espaço, cuja densidade temporal e populacional é particularmente profícua para investigações da sociologia da cultura e da ciência. Para isso, realizou um recuo a partir de variáveis determinantes controladas (língua e sexo) e observou o comportamento delas no tempo. Se a análise proposta for digna de interesse, os procedimentos inusuais de que se vale são responsáveis por isso. Cumpre sublinhá-los.

Em primeiro lugar, tratou-se de enfatizar dimensões que se reputam fundamentais para o exame da dinâmica dos espaços de produção cultural em geral (BOURDIEU,

1996, p. 246-316). Cumpre esclarecer que optou-se por seguir, nesta etapa da pesquisa, a sugestão de Gisèle Sapiro, segundo a qual, do conceito de campo de Pierre Bourdieu, vale reter a ideia de “espaço de relações estruturado/estruturante”, orientando os agentes em sua luta uns com e contra os outros (e uns pelos outros), em detrimento da ideia de “autonomia” (SAPIRO, 2013) – cuja operacionalização não pareceu tão profícua ao caso. Com efeito, supor que exista um “campo (autônomo) do marxismo” não parece conceitualmente rigoroso. Em contrapartida, os modelos analíticos desenvolvidos por análises de configurações equivalentes à do marxismo – tais como, do estruturalismo, que também reúne muitas disciplinas (BERT, LAMY, 2016); de “ismos” em geral, espécie de correia para ideias em circulação (BOSCHETTI, 2014); da persistência dos “grandes autores” como indutores capazes de enquadrar cognitivamente a circulação internacional das ideias e orientar práticas que as viabilizam (SAPIRO, SANTORO, 2017) – têm-se revelado analiticamente mais apropriados a este objeto. Além disso, embora a pesquisa se concentre, em todas as fases aludidas acima (da gênese da intelectualização do marxismo ao estado atual) nos organismos de cultura, tendo por centro a universidade, são as várias possibilidades de investigação da “vida intelectual” que orientam a análise (CHARLE, JEANPIERRE, 2016a). Dito de outro modo, espera-se ter deixado evidente

que se os agentes estão nas universidades, nem sempre as regras delas estão incorporadas em suas condutas. Ademais, elas próprias sofreram modificações posicionais ao longo do tempo. Portanto, não seria razoável tratar o processo histórico como uma linha evolutiva teleológica rumo ao encaixe feliz de institucionalização, disciplinarização, profissionalização e autonomização da atividade intelectual. Bem ponderadas as experiências históricas, a vida intelectual comporta avanços e recuos nestas direções e tanto a desprofissionalização quanto a heteronomização são estratégias à disposição de agentes interessados nelas, atuantes no próprio interior dos organismos de ciência e de cultura (CHARLE, JEANPIERRE, 2016b; HAUCHECORNE, 2016; SAPIRO, HEILBRON, BONCOURT, SCHÖGLER, 2017). A heteronomização não resulta de forças externas se estas não encontrarem suporte no espaço interno dos agentes e, ao que tudo indica, segmentos dentro do marxismo trabalham ativamente pela heteronomização, pois são os “alvos” preferenciais das disputas com mídia e Estado (RODRIGUES, 2018^a).

Em segundo lugar, sublinhe-se o esforço para articular o exame dos “criadores de posições inexistentes” às transformações posteriores sofridas pelo espaço (BOURDIEU, 2015, p. 465-470)¹². A pesquisa empenha-se em entender a lógica da concorrência (entre os herdeiros destas posições) e as *demandas das clientelas simbólicas*¹³.

12. Tal como Sartre e o intelectual total pós-guerra (BOSCHETTI, 1985); Florestan Fernandes e a Sociologia (ARRUDA, 2001); Antônio Candido e a crítica literária (RAMASSOTE, 2006) – tratamos de “Giannotti e a Filosofia/Seminário Marx”.

13. O plano é levar às últimas consequências o modelo proposto por Pierre Bourdieu, a partir da releitura que fez de Max Weber (BOURDIEU, 2003).

No mercado das trocas em questão, a leitura (sua prática, usos e sentidos) é o bem intercambiado entre leitores mais e menos dotados das competências exigidas por ela (isto é, recursos linguísticos e políticos), segundo os princípios de apreciação/depreciação compartilhados pelos agentes marxistas. Sendo estrangeiros os autores cujas leituras são “trocadas”, a língua torna-se o capital específico deste mercado; e, sua análise, fulcral.

Em terceiro lugar, trata-se de privilegiar um espaço intelectual que não configura uma disciplina em estrito senso, mas reúne agentes oriundos de diversas delas. Entre os marxistas, encontram-se sociólogos, historiadores, geógrafos, antropólogos, cientistas políticos, críticos de arte e de literatura. Neste sentido, é necessário um duplo enquadramento dos agentes – nas disciplinas e no marxismo. Se este último consiste num espaço autorreferenciado de produção e circulação de pessoas e de ideias, seus agentes se situam em disciplinas profissionais – com graus diversos de integração efetiva. *Como as regras dos dois espaços não são idênticas, as mesmas estratégias de luta podem render sucesso num e fracasso noutra.* O agente pode opinar pela constância de sua conduta nos dois espaços, e extrair lucros simbólicos exponenciais (BOURDIEU, 1989). Porém, esta condição depende, sobretudo, do grau de autonomia e de heteronomia das disciplinas em que trabalham, assim como do estado de forças da concorrência com outras teorias de apelo simultaneamente político e inte-

lectual (como o feminismo, por exemplo). O agente também pode opinar por calibrar sua conduta aos espaços (disciplinares e do marxismo) – estratégia igualmente arriscada, posto que sobre ele cairá a suspeita, seja de esquerdismo (da parte dos pares na disciplina), seja de carreirismo (da parte dos marxistas). Em suma: é na qualidade de agentes cindidos que eles apresentam interesse. Trata-se de investigar duas ordens de constrição objetiva da produção intelectual e da atuação institucional – a saber: a lógica específica do seu espaço autorreferenciado (práticas, atitudes, preferências, regime de leitura, citação, etc) e as estratégias de inserção nas lógicas disciplinares – jamais redutíveis umas às outras.

Finalmente, sublinhe-se que as figuras demiúrgicas da intelectualização do marxismo em suas disciplinas acadêmicas – Giannotti/Filosofia, Cardoso/Sociologia; Novais/História; Roberto Schwarz/Crítica Literária tornaram-se dominantes. Porém, o marxismo ocupa, hodiernamente, posições dominadas. De um estado (das disciplinas e das práticas) a outro, acumulou-se uma quantidade extraordinária de acadêmicos brasileiros que se autodenominam marxistas e os efeitos de suas atividades surpreendem brasileiros e estrangeiros¹⁴. Trata-se de uma peculiaridade de nosso sistema de ensino e pesquisa que indiscutivelmente merece mais investigação. Ademais, ela não interessa apenas a marxistas e a sociólogos da ciência/cultura. Sendo (provavelmente) uma especificidade brasileira, este fenômeno tem algo a revelar a respeito de não

14. Não se dispõe de espaço, mas esta diferença é apagada pela gestão da longevidade simbólica do Seminário por grupos que ambicionam ligar-se à “tradição” que eles próprios constroem com este trabalho diligente. O mecanismo de compensação e de satisfação simbólica é digno de nota.

marxistas, e, decerto, de antimarxistas. Em suma, este objeto interessa ao exame da vida intelectual brasileira, pois dificilmente algum agente dela passa incólume a ele.

Referências

ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Boitempo, 2004 [1974].

ARANTES, P. *Um departamento francês de ultramar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

ARAÚJO, C. “Nível de desigualdade de gênero na Filosofia é semelhante às Ciências Exatas”. Entrevista disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/en/2014-01-07-15-22-21/acontece/918-entrevista-com-a-professora-carolina-araujo>

BASTOS, E. R. *et. al. Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2006.

BLOCH, E. *O princípio da esperança (3 volumes)*. Rio de Janeiro: Eduerj/Contraponto, 2005.

BOSCHETTI, A. *Ismes*. Paris, CNRS Editions, 2014.

BOLTANSKI, L. Note sur les échanges philosophiques internationaux. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, v. 1, n. 5-6, p. 191-199, 1975.

_____. Pouvoir et impuissance. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, v. 1, n. 5-6, p. 80-108, 1975.

BOURDIEU, P. O mercado de bens simbólicos. In: BORDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo : Perspectiva, 2003.

_____. *Sociologie générale*. Paris: Editions du Seuil, 2015.

_____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. Sur la Dialectique Historique. Quelques Remarques Critiques à propos de ‘Lire *Le Capital*’. In: *Ce que parler veut dire: l’économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1989.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Lisboa : Editorial Presença, 1996.

_____. Systèmes d’enseignement et systèmes de pensée. *Revue internationale de Sciences Sociales*. Paris, v. XIX, n. 3, p. 367-388, 1967.

____.; SAINT MARTIN, M. Les catégories de entendement professoral. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 1, n. 3, p. 68-93, 1975.

_____. *Homo academicus*. Paris: Minuit, 1984.

_____. Une révolution conservatrice dans l’édition. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, v. 126-127, n. 1, p. 3-28, março 1999.

_____. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, v. 145, n. 1, p. 3-8, dezembro 2002.

BRUN, E. *Les situationnistes. Une avant-garde totale*. Paris: CNRS Éditions, 2014.

CANÊDO, L. B. Les boursiers de la Fondation Ford et la recomposition des sciences sociales brésiliennes: le cas de la science politique. *Cahiers de la Recherche sur l’Éducation et les Savoirs*, Paris, v. 2, n.2, p. 33-55, 2009.

CARDOSO DE MELLO, J. M.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (org.). *História da vida privada no Brasil*, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CASANOVA, P. *La langue mondiale*. Paris: Seuil, 2011.

CARDOSO, F. H. Lançamento do livro *Retrato de grupo*. Sesc Vila Mariana, São Paulo, 25/11/2009.

CARONE, E. *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CHARLE, C.; JEANPIERRE, L. La vie intellectuelle, mode d’emploi. In. CHARLE, C.; JEANPIERRE, L. (orgs). *La vie intellectuelle en France. Vol 1. – Des lendemains de la Révolution à 1914*. Paris: Éditions du Seuil, 2016a.

- _____. Révolutions visibles e invisibles. In: CHARLE, C.; JEANPIERRE, L. (Orgs). *La vie intellectuelle en France*. Vol. 2. – De 1914 à nos jours. Paris: Éditions du Seuil, 2016b.
- CORBIN, A. A necessária manifestação da energia sexual. In: CORBIN, A; CORTINE, J-J; VIGARELLO, G. *História da virilidade*. São Paulo: Vozes, 2012.
- CUNHA, L. A. *A universidade reformanda*. São Paulo: Francisco Alves, 1988.
- DE SWAAN, A. The Emergent World Language System. *International Political Science Review*, v. 14, n° 3, 1993.
- ELIAS, N. Scientific establishments. In: ELIAS, N.; MARTINS, E.; WHITLEY, R. (orgs.). *Scientific Establishments and Hierarquies*. Dordrecht, D. Rieder, 1982.
- FERREIRA, D. *Conversão e Reconversão: circulação internacional dos filósofos de origem católica*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- FERRER, S. R. *Marginal e apátrida na filosofia brasileira*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2012.
- FLUSSER, V. Wittgenstein traduzido? O Estado de S. Paulo, 22/03/1969.
- GARCIA Jr., A. A globalização subdesenvolvida. *Antropolítica*. Niterói, n. 26, p. 27-59, 2009.
- GIANNOTTI, J. A. Entrevista. NOBRE, M.; REGO, J. M. (orgs). *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Ed.34, 2000.
- _____. Wittgenstein traduzido. O Estado de S. Paulo, 12/04/1969.
- _____. Correspondência para João Cruz Costa: Rennes, 13/01/1957; Rennes, 05/09/57; Paris 02/06/1957; Paris, 28/10/1957; Paris, 24/11/1957; Rothenburg, 26/07/1958.
- GOLDSCHMIDT, V. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. In: *A religião de Platão*. São Paulo: Difel, 1963.
- GUEROULT, M. *Leçon inaugurale*. Paris, Collège de France, Chaire d'Histoire et technologie des systèmes philosophiques, 04 de dezembro de 1951.
- HAUCHECORNE, M. Essor et disciplinarisation des sciences humaines. In: CHARLE, C.; JEANPIERRE, L. (Orgs). *La vie intellectuelle en France*. Vol. 2. – De 1914 à nos jours. Paris: Éditions du Seuil, 2016.
- HEILBRON, J. Exchanges culturels transnationaux et mondialisation: quelques réflexions. *Regards sociologiques*, n. 22, p. 141-154, 2001.
- _____. Translation as a cultural world system. *Perspectives: Studies in Translatology*. NY, v. 8, n. 1, 9-26, 2000.
- _____; GUILHOT, N; JEANPIERRE, (2008). "Toward a transnational history of the social sciences". *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 44 (2): 146-160.
- HUBMANN, Gerald. "Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamtausgabe". *Crítica Marxista*, n. 34, p. 33-49, 2012.
- LEPENIES, W. Contribution à une histoire des rapports entre la sociologie et la philosophie. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, v. 47-48, p. 37-44, jun. 1983.
- JACKSON, L. C.; BLANCO, A. *Sociologia no espelho*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- KEINERT, F. *Cientistas sociais entre ciência e política (Brasil, 1968-1985)*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2011.
- LOWY, M. *Ad Roberto*. In: CEVASCO, M. E.; OHA-TA, M. (orgs). *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MARTINS, C. S. *Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade de São Paulo, 2010.
- MATONTI, F. "Crises politiques e reconversions: mai 68". *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 158, n. 3, p. 4-7, 2005.
- _____. ;POUPEAU, F. "Le capital militant. Essai de définition". *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 155, v. 5, p. 4-11, 2004.
- MAUGUE, J. O ensino da Filosofia e suas diretri-

- zes. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Seção de publicações, 1935.
- MICELI, S. O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. *In: História das Ciências Sociais no Brasil*, v2. São Paulo: Sumaré, 1995.
- _____. *História das Ciências Sociais no Brasil*, v. 1. São Paulo: Sumaré, 2001.
- _____. Poder, sexo e letras na República Velha [1977]. *In: Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.
- _____. Entre no ar em Belíndia – A indústria cultural hoje. *In: A noite da madrinha e outros ensaios sobre o éter nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. O papel político dos meios de comunicação de massa. *In: SOSNOWSKI, S.; SCHWARZ, J. (orgs.). Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Edusp, 1994.
- _____. *A desilusão americana: relações acadêmicas entre Brasil e Estados Unidos*. São Paulo: Sumaré, 1990.
- _____. *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1993.
- _____. Teoria e prática da política cultural oficial no Brasil. *In: Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- NETTO, J. P. A atualidade do Manifesto Comunista. IV Curso Livre Marx-Engels, realizado em 2014 pela editora Boitempo, no SESC-SP. Publicado no canal youtube da Boitempo em 19 de agosto de 2014.
- NOVAIS, F. Entrevista. *In: MORAES, J. V.; REGO, J. M (orgs). Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- _____. Conferência “Articulações entre a Velha e a Nova História (Parte I)”. UNESP. Franca. Vídeo PET História Unesp Franca. Conferência realizada em 29 de maio de 2014; publicado no youtube em 10 de novembro de 2014.
- ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- PESSOA, S. Intervenção em lançamento e debate do livro de Ruy Fausto. *Caminhos da esquerda (Companhia das Letras, 2017)*, na Livraria Cultural, São Paulo, 03/07/2017.
- PONTES, H. *Destinos mistos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PINTO, L. (Re)traductions (Phénoménologie et ‘philosophie allemande’ dans les années 1930). *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, v. 45, n. 1, p. 21-33, 2002.
- RAMASSOTE, Rodrigo. *A formação dos desconfiados (1961-1978)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- RIDENTI, M. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo, Unesp, 1993.
- _____. *Brasilidade revolucionária*. São Paulo: Unesp, 2011.
- RODRIGUES, L. M. O PCB: os dirigentes e a organização. *In: FAUSTO, B. (org.). História geral da civilização brasileira. O Brasil Republicano*. São Paulo: Difel, 1981, v. 3, t. 3.
- RODRIGUES, L. S. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo (1958-1978)*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2011.
- _____. *Florestan Fernandes: interlúdio*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- _____. O que um hit-parede tem a dizer. Apresentação no Grupo de Trabalho de Sociologia Política, no 10o Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), Belo Horizonte, 2016.
- _____. *Leitores e leituras acadêmicas de Karl Marx (São Paulo, 1958-1964)*. *Intelligere*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2016a.
- _____. *Marxism in Brazilian university: What a ranking has to say*. Varsóvia, *International Sociological Association. Research Committee on History of Sociology*, 6 a 8 de julho, 2016b.
- _____. *Rivalidades científicas e metropolitanas: São*

- Paulo e Rio de Janeiro, Sociologia e Ciência Política. *Urbana: Urban Affairs and Public Policy*, v. XVIII, p. 71-95, 2017.
- _____. “Giannotti contra Althusser: un caso de cosmopolitismo periférico (Brasil/San Pablo, 1967)”. In: ARRIAGADA, M. R.; STARCENBAUM, M. (orgs). *Lecturas de Althusser en América Latina*. Santiago do Chile, Doble Ciencia Limitada, 2017a.
- _____. *Um departamento municipal no ultramar francês: o cosmopolitismo de José Arthur Giannotti*. Campos, Curitiba, v. 18, n 1-2, p. 61-88, p. 61-88, 2017d.
- _____. Centralidade de um cosmopolitismo periférico: a ‘Coleção Grandes Cientistas Sociais’ no espaço das ciências sociais brasileiras (1978-1990)”. *Sociedade e estado*, Brasília, v. 33, n. 3, p. 675-708, 2018.
- _____. Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/ 2002-2016). *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 17, n. 39, p. 277-312, 2018a.
- _____. Sonhos centrais da periferia. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 1067-1071, 2018b.
- _____. *Brazilian Social Scientists in the United States of America: conversion paths (1970-1990)*. Apresentação oral no XIX World Congress of Sociology/International Sociological Association. RC 08. *History of Sociology*. Toronto, 2018c.
- _____. A dominated pole of Social Sciences in Brazil. Paper apresentado no Workshop on Methods. XIX World Congress of Sociology/International Sociological Association. RC 08. *History of Sociology*. Toronto, 2018d.
- _____. “Amar um autor: os marxistas nas universidades brasileiras e os ‘intérpretes do Brasil’.” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 32, p. 500-529, 2019a.
- _____. Ser marxista no Brasil. In: PALOMANES, F. M.; FREIRE, A. *Marx e o pensamento marxista no mundo lusófono*. Rio de Janeiro/Recife: Autografia/EDUPE, 2019b.
- _____; HEY, A. P. *Elites Acadêmicas: as Ciências Sociais na Academia Brasileira de Ciências*. *Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 9-33, dec. 2017b.
- _____; _____. *Elites relacionais, polos em oposição*. *Anais do 41º Encontro Anual da Anpocs (GT 10: Elites e formas de dominação)*, 2017c.
- SADER, E. “Aula de alemão”. *Folha de S. Paulo*, 17/08/2003.
- SAPIRO, G. *Le champ est-il national? Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 200, n. 5, p. 70-85, 2013.
- _____. Introduction. In: *Sciences humaines en traduction. Le livre français aux Etats-Unis, au Royaume-Uni et en Argentine*. Paris, 2014, Institut Français (Volume disponível online em e-pub: <http://cse.ehess.fr/index.php?2104>).
- _____. HEILBRON, J.; BONCOURT, T.; SCHÖGLER, R. *European Social Sciences and Humanities (SSH) in a Global Context Preliminary findings from the INTERCO-SSH (February 2017)*. Disponível: http://interco-ssh.eu/?page_id=156 (última consulta 17/03/2017).
- _____; HEILBRON, J. Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas. *Graphos*. João Pessoa, v. 11, n. 2, p.13-28, 2009.
- _____. SANTORO, Marco. On the social life of ideas and the persistence of the author in the social and the human sciences. *Sociologica*, Bologna, n. 1, p. 1-13, 2017.
- SCHWARZ, R. Um seminário Marx. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 (originalmente publicado em *Folha de S. Paulo*, 08/10/1995).
- _____. “19 princípios de crítica literária”. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, 1992 [1970].
- _____. “Didatismo e literatura”. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, 1992 [1967].
- SINGER, P. Entrevista. MANTEGA, G.; REGO, J. M. (orgs). *Conversas com economistas brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SORÁ, G. *Editar desde la izquierda en América Latina*. La agitada historia del fondo de cultura económica y de siglo XXI. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2017.

SOULIÉ, C. Anatomie du goût philosophique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 3, n. 109, p. 3-28. 1995.

SPIRANDELLI, C. C. *Trajetórias intelectuais: professoras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (1934-1969)*. São Paulo: Humanitas, 2011.

TARCUS, H. Vicisitudes de las ediciones de El Capital em el mundo hispanoamericano. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 17, n. 39, p. 121-140, 2018.

WERNECK DE CASTRO, M. As deduções amalucadas. *In: A máscara do tempo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996 (originalmente publicado em *Jornal do Brasil*, 17/10/1995).

RESUMO

Em sondagem realizada junto a marxistas brasileiros, as principais filiações distribuíram-se do seguinte modo: Gramsci(nianos) reuniu 33,2% da população; Lukács(ianos), 25,8%; Escola de Frankfurt(ianos), 10,5% e Althusser(ianos), 7,2%. A mesma sondagem indagou a fluência em língua estrangeira, obtendo respostas para: espanhol, de 49% da população; para inglês, de 46,0%; para francês, de 20%; para italiano, de 8% e, para alemão, de 2,9% (a cifra de 26% declarou não ter fluência em idioma estrangeiro). É notável que a língua nativa dos autores não corresponda à língua estrangeira de mais domínio dos marxistas (por exemplo, enquanto 33,2% são gramscinianos; apenas 8% declaram-se fluentes em italiano). Esta decalagem indica que o domínio da língua nativa dos autores de filiação consiste num recurso diferencial que confere vantagens competitivas aos agentes. O presente artigo tratará dos efeitos da assimetria de capital linguístico no espaço social dos marxistas brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE

Marxismo. Ciências Sociais brasileiras. Capital linguístico.

ABSTRACT

In a survey of Brazilian Marxists, the main affiliations were distributed as follows:- Gramsci(nianos) gathered 33.2% of the population; Lukács(ianos), 25.8%; Frankfurt(ianos) School, 10.5% and Althusser(ianos), 7.2%. The same survey asked for fluency in a foreign language, obtaining answers for: Spanish, 49% of the population; English, 46.0%; French, 20%; Italian, 8%; and German, 2.9% (the figure of 26% declared to have no fluency in a foreign language). It is notable that the native language of the authors does not correspond to the foreign language most spoken by Marxists (for example, while 33.2% are gramscinese; only 8% are fluent in Italian). This difference indicates that mastery of the native language of the authors of affiliation is a differential resource which gives a competitive advantage to the agents. This article will deal with the effects of the asymmetry of linguistic capital on the social space of Brazilian Marxists.

KEYWORDS

Marxism. Brazilian Social Sciences. linguistic capital.

Recebido em: 06/08/2018

Aprovado em: 27/11/2018